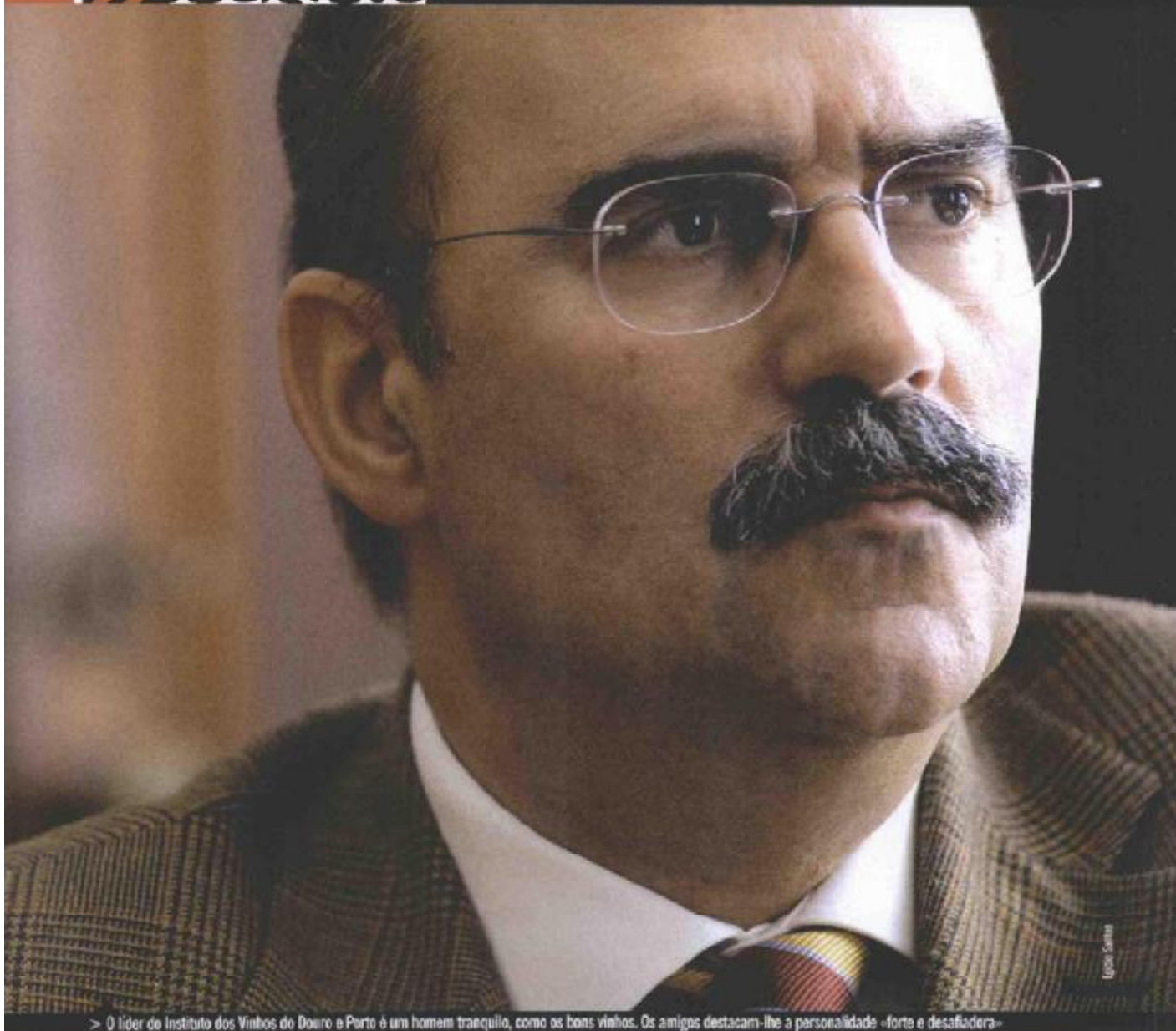


Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto					Âmbito: Nacional	Tiragem: 13000
Título: Jorge Monteiro – O embaixador dos vinhos do Douro					Temática: Gestão/Economia/Negócios	
2006/05/12	PREMIO – PRINCIPAL	Pág.46	Imagem: 1/4		Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

» PERFIL

> O líder do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto é um homem tranquilo, como os bons vinhos. Os amigos destacam-lhe a personalidade «forte e desafiadora»

Jorge Monteiro, 54 anos, presidente do IVDP

O embaixador dos vinhos do Douro

Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto			Âmbito: Nacional		Tiragem: 13000
Título: Jorge Monteiro – O embalizador dos vinhos do Douro			Temática: Gestão/Economia/Negócios		
2006/05/12	PREMIO – PRINCIPAL	Pág.47	Imagem: 2/4	Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

Foi atleta de voleibol em Espinho, mas é pelos vinhos do Douro e Porto que hoje veste a camisola. Dizem que é teimoso pela competência, mas tranquilo e diplomático na gestão. Jorge Monteiro é um gestor discreto, mas muito atento. Nada pode falhar.

Luís Madureira lm@ipermi.pt

O mérito de fazer bons vinhos é dos agentes económicos, mas o Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP) tem o mérito de não fazer passar maus vinhos». O pragmatismo de Jorge Monteiro, presidente do IVDP há sete anos, continua a prevalecer na gestão de uma das mais importantes ferramentas de defesa desse líquido único no mundo, o vinho do Porto. E este homem aprecia o «decision-taking». Apanhou-lhe o gosto por causa do desporto e, mais concretamente, aquele desporto que tão bem é praticado pelos habitantes da bonita cidade de Espinho – o voleibol. Jorge Monteiro tem, aliás, uma teoria interessante. Diz que «o desporto ensina-nos a decidir, a reagir à derrota e estimulamos a procura da vitória. Nem a escola, nem sociedade, nem a família fazem isso».

Espinho, anos 50. Na Rua 19, onde vivia, Jorge dava uns chutos à bola com os amigos. Era comum ouvir o pedido do polícia para «irem antes para a Rua 21 porque tem menos carros», algo que hoje em dia seria impensável imaginar. Cansados de jogar futebol, Jorge e os amigos corriam para as belas praias de Espinho. Depois de umas horas ao sol, o mergulho nas águas geladas era tão marcante que ainda recorda como se fosse hoje. Para além disso, a cidade das ruas numeradas – um sistema idêntico ao de Nova Iorque – acolhia os «praístas» que arrendavam 15 a 30 dias de férias em frente ao mar. O Verão era um tempo de «muita vida e animação». À noite, passeava-se no Picadeiro. Havia dois momentos fulcrais no tempo de Espinho – quando o Casino estava aberto e quando o Casino fechava. Alteravam hábitos e aceleravam e desaceleravam o ritmo urbano. Ainda assim, Jorge Monteiro considera que, hoje em dia, Espinho escapou ao conceito de cidade-dormitório e mantém as características peculiares desta localidade a 20 minutos do Porto.

Até ao ensino superior, este adepto sportinguista, só conheceu duas escolas. A primária, cumprida em Espinho. Aos 10 anos, já embarcava diariamente de comboio para o Porto, onde estudou no Liceu Alexandre Herculano. «Para continuar os estudos tinha duas opções, Aveiro ou Porto. Por isso, ia e vinha com os meus colegas, todos os dias, o que hoje seria um acto impensável. Na altura, os riscos eram outros», recorda. Jorge Monteiro tinha um comboio que partia às 12h10 de Espinho para chegar às aulas, às 13h30, no Porto. E uma das curiosidades que recorda é a de fazer fila no gabinete

do chefe da estação de Campanhã para levantar a prova de atraso do comboio que servisse de justificação para o atraso na chegada às aulas. Mas também deu os seus «tiros» propositados à escola. «Eram muito mais decisões colectivas do que individuais e tinham que ser tomadas antes de entrar na escola, porque os portões fechavam», sorri. Chegou mesmo a chumbar no antigo quarto ano do liceu. Se estava motivado, estudava, se não estivesse motivado, o apelo dos livros não era irresistível.

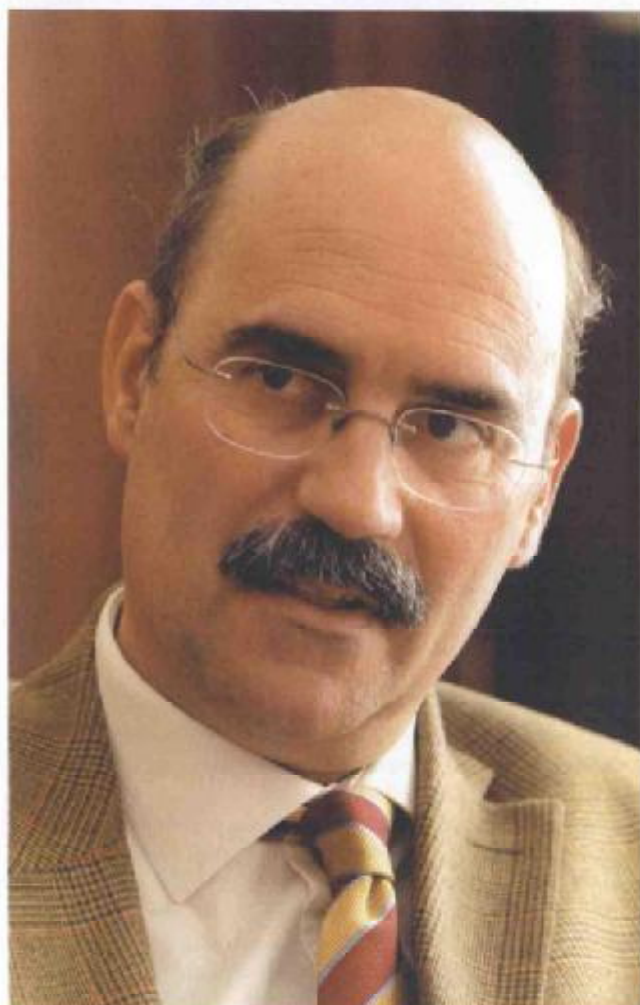
Mas o caminho da auto-responsabilização, o principal vector de educação promovido pelos pais, levou Jorge Monteiro aos bancos da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, no início da década de 70. As primeiras aulas foram em Ciências. O estudante chega ao curso de Engenharia Electrotécnica com um exame de aptidão à Física concluído com 20 valores. Apesar de ter sentido o «choque» do primeiro semestre no ensino superior, o presidente do IVDP termina a licenciatura nos anos previstos. Aliás, o final do curso coincide com a revolução dos cravos. «Na manhã de 25 de Abril, quando estou a entrar na FEUP pela rua das traseiras, lembro-me de ver dois colegas a conversar com ar circunspecto, falando acerca da tropa ou do exérci-

«Vivíamos [antes do 25 de Abril] num regime fora de época e incomodava-nos a falta de liberdade de expressão. Tudo isto inquietava as nossas consciências»

to. Na sala de aula, os meus colegas começam a perguntar se já sabia de alguma coisa. Viveuse uma manhã sem aulas e todos nós, professores e alunos, vivíamos numa espécie de estado de suspense. No dia seguinte, nos Aliados, havia já manifestações.» Ainda antes do dia 25, recorda que a faculdade tinha acolhido uma reunião geral de alunos de Economia e a polícia de choque ter cercado a FEUP. «Na altura, o director da faculdade autorizou a entrada da polícia.» Jorge Monteiro sentia que, «claramente, vivíamos num regime fora de época e incomodava-nos a falta de liberdade de expressão. Tudo isto inquietava as nossas consciências». Ainda que nunca tenha tido participação política activa antes e depois de Abril.

Entretanto, Jorge Monteiro tinha já uma carreira importante no voleibol de Espinho. Foi atleta, primeiro do Sporting de Espinho, depois da Académica de Espinho. Esta transição «faz ■■■

Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto			Âmbito: Nacional	Tiragem: 13000
Título: Jorge Monteiro – O embalador dos vinhos do Douro			Temática: Gestão/Economia/Negócios	
2006/05/12	PREMIO – PRINCIPAL	Pág. 48	Imagem: 3/4	Periodicidade: Semanal
				Inv.: n.a.



... parte da tradição». Foi jogador sénior da Académica e chegou, inclusive, a presidente do clube. O trajecto e o amor pelo voleibol são bem visíveis na dedicação que imprime às palavras quando recorda os seus tempos de atleta e dirigente. «Cheguei mesmo a ser monitor dos primeiros cursos de formação de treinadores de 3.º grau e membro da direcção da Federação Portu-

guesa de Voleibol», recorda, com indisfarçável orgulho.

Jorge Monteiro é um homem tranquilo, como os bons vinhos. Alterna a emoção da conversa com o calculismo inteligente de quem quer transmitir uma ideia fiel daquilo que é e faz, de forma profissional e ligeiramente distante. Não tem tíques e aparenta gostar de receber os convidados de uma forma afável. Não esconde, por exemplo, que o primeiro emprego foi conseguido através de uma cabina telefónica pública em Lisboa. Ligou para meia dúzia de escolas a propôr-se como professor e o «sim» veio das ilhas. «Em 1975, vivia-se uma crise petrolífera, o país estava numa encruzilhada quase sem saída. À falta de oportunidades, fui dar aulas para a Madeira, a alunos do Liceu e do Cido durante dois anos.» Quando desembarca no Funchal, dirige-se para o Liceu ainda com as malas de viagem. «Quando chego à escola, ouço uns alunos dizerem-me que isto não era nenhuma hotel! Foi um acolhimento engraçado.»

Regressado ao Continente, o gestor acumula o ensino com alguns projectos na área da electricidade. Frequenta um curso de Engenharia Hospitalar na Escola Nacional de Saúde Pública, até que é convidado para trabalhar no arranque da fábrica de Cacia da Renault, em 1981. Durante seis

anos, Jorge Monteiro exerce várias funções de engenharia e começa a aprofundar o gosto pela gestão, nomeadamente com a realização de estudos de rentabilidade industrial e gestão de projectos e activos da filial da multinacional francesa. Em 1987, vai para a Philips, em Ovar. «Estive pouco tempo na Philips, cerca de dois anos. Tinha aprendido muito na Renault, onde tudo estava muito bem organizado e onde as coisas eram levadas com grande rigor. A Philips não

«Precisamos muito mais de visões horizontais e transversais do que de uma visão vertical»

correspondia aquilo que eu esperava...» Surge então a proposta para integrar a SPR - Sociedade Portuguesa de Capital de Risco, uma instituição próxima do Banco Português do Atlântico, liderada por João Oliveira. É na SPR, a partir de 1988, que Jorge Monteiro começa a aprofundar as capacidades de gestão, uma vez que é designado administrador e gerente de sociedades ligadas às mais variadas acti-

«O IVDP tem prestígio internacional»

O que mais prazer me dá no IVDP é a componente da gestão. Ajudar os quadros a melhorarem o desempenho, procurando motivá-los para que sejam mais eficazes na sua intervenção. Há sempre desafios, depois de sete anos. Há sempre um trabalho inacabado.» É assim que Jorge Monteiro, presidente do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, vê o futuro da instituição. Em 2004, o IVDP recebeu novas funções que ainda não foram absorvidas na totalidade. «Na certificação do vinho do Porto há trabalho a fazer, a pressão dos operadores é constante e as novas ferramentas de gestão estão em permanente

desenvolvimento.» Em curso, está também um processo de concentração nas questões substantivas da certificação dos vinhos. Depois vêm as inevitáveis funções de representação internacional, em feiras e encontros profissionais. «Participo nalgumas feiras com o objectivo de trocar impressões, conhecimento e experiências com colegas de outras denominações de origem.» Às vezes, parece um cargo estranho. É preciso fazer passar garantias e certificações de qualidade, mas também saber o que se faz no mundo. Por exemplo, o conceito de qualidade é evolutivo e o melhor vinho do Porto de hoje poderia

não ser o de há 50 anos. Jorge Monteiro é também uma espécie de embaixador dos interesses portugueses do líquido do Douro e garante que, a nível internacional, «o IVDP é uma instituição de referência e são muitos os convites para a apresentação do nosso modelo no estrangeiro». Mas, afinal, este é um cargo de confiança política? «Isto tem de ser um cargo de confiança. Se é pessoal ou política, isso não sei. Na minha perspectiva, o IVDP tem um perfil sobretudo técnico, apesar de ter de respeitar as decisões políticas.» Certificar, controlar e promover o vinho do Porto, a missão continua. 15

Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto			Âmbito: Nacional		Tiragem: 13000
Título: Jorge Monteiro – O embalador dos vinhos do Douro			Temática: Gestão/Economia/Negócios		
2006/05/12	PREMIO – PRINCIPAL	Pág.49	Imagem: 4/4	Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

vidades económicas. Na SPR fica quatro anos até ser convidado para director-geral da NET – Novas Empresas e Tecnologias, um dos primeiros projectos de «business innovation centers» (BIC) a iniciar-se em Portugal – Braga da Cruz, Belmiro de Azevedo e Santos Silva foram promotores desta iniciativa desde o início. Estávamos em 1991. «A NET é um dos melhores exemplos nacionais de BIC. Tem feito um trabalho notável e ajudou a criar mais de 100 empresas de base tecnológica.» O actual presidente do IVDP sublinha que a taxa de insucesso das empresas NET é muito baixa – mais de 90% das empresas ajudadas a criar ainda hoje existem.

É precisamente dos tempos da NET que Paula Prata, membro da Associação Portuguesa de Gestão e Engenharia Industrial, recorda um episódio passado com Jorge Monteiro. «Enquanto director-geral da NET e na sessão de abertura de um curso para criadores de empresas da APGEI, o engenheiro Jorge Monteiro pediu-me que lhe desse cinco minutos antes de mandar entrar os 13 participantes. Desarrumou a sala toda, colocando mesas e cadeiras umas por cima das outras e de seguida pediu-me que mandasse entrar os formandos. Foi assim que ele deu início ao curso perante o olhar desconfiado de alguns formandos e a iniciativa de outros que começaram a arranjar alguns lugares para se sentarem. Um ou dois deixaram a sala de aula. O objectivo dele era precisamente testar o espírito de iniciativa destes candidatos a empreendedores», revela esta engenheira que conheceu o perfilado há 16 anos. Paula Prata não tem dúvidas em sublinhar a personalidade «forte e desafiadora» de Jorge Monteiro, ao mesmo tempo que admite que a persistência dos seus ímpetus pode ser confundida com teimosia. «É um homem duro no trabalho porque é desafiador. Gosta de ‘picar’ as pessoas», afirma, acrescentando que «o que sou e aprendi na gestão, devo-o a ele».

Cinco anos depois do desafio BIC, em 1996, Jorge Monteiro assume a vice-presidência da Comissão de Coordenação da Região Norte e a gestão do Programa de Desenvolvimento do Douro (ProDouro). É nesta instituição que se encontra, pela primeira vez, com os socialcos durienses, terra de turismo e produção vitivinícola. Jorge Monteiro assume que sempre foi um consumidor moderado de vinho. Bebeu-o «sempre de forma regrada e equilibrada. Os meus avós faziam vinho...». E quando sai da CCDR-N, é um homem conhecedor do Douro. Mas faz questão de sublinhar que a sua aproximação é muito mais ao Douro do que ao vinho. Até porque, hoje, «se sou especialista de alguma coisa, digo que sou especialista de gestão».

Isabel Marmata, a directora executiva da Associação das Empresas de Vinho do Porto, destaca o carácter empenhado e metódico de Jorge

PERCURSO

6 DE SETEMBRO DE 1951 Nasce em Espinho.

1975 Conclui a licenciatura em Engenharia Electrotécnica pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

1976 A 1981 Professor do ensino secundário, leccionando disciplinas na área da electrotecnia.

1980 Faz o curso de Engenharia Hospitalar pela Escola Nacional de Saúde Pública.

1981 A 1987 É quadro da Renault Portuguesa. Trabalha no departamento de Métodos Industriais da estreada Fábrica de Cacia.

1987 A 1988 Integra o departamento TEO - Technical Efficiency and Organization da Philips Portuguesa, na divisão industrial de Ovar.

1988 A 1991 É gestor de participações da SPR - Sociedade Portuguesa de Capital de Risco e administrador de várias empresas em representação da SPR.

1991 A 1996 Nomeado director-geral da NET – Novas Empresas e Tecnologias, é director executivo da APGEI - Associação Portuguesa de Gestão e Engenharia Industrial e director da APPEC - Associação Portuguesa de Produtores de Energia em Cogeração (COGEN Portugal).

1996 A 1999 É vice-presidente da CCDR-N – Comissão de Coordenação da Região Norte e coordenador do ProDouro – Programa de Desenvolvimento do Douro.

1999 A 2003 Designado presidente do Instituto do Vinho Porto.

2003 Recondicionado na nova estrutura, o Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP).

Monteiro, associado a um elevado grau de profissionalismo. «A teimosia dele é compreensível porque tem um correcto sentido de serviço público.» A representante das empresas do Vinho do Porto garante que Jorge Monteiro nunca usa smoking e tem o apelido de «rottweiler» junto da comunidade inglesa – isto porque «quando morde, não larga», graciosamente.

Em 1997, a partir do momento em que é designado presidente do então Instituto do Vinho do Porto (mais tarde IVDP) reconhece que as funções que vai desempenhar se prendem mais com a gestão do que com questões técnicas e de enologia. Jorge Monteiro acredita que para se ser presidente do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto não é preciso ser um especialista de vinhos. «O presidente da British Airways não precisa de saber pilotar aviões e o presidente da EDP não tem que ser engenheiro electrotécnico.» E acrescenta que, por vezes, um excesso de especialização é pernicioso. «Precisamos muito mais de visões horizontais e transversais do que de uma visão vertical.» Mas não se julgue que a gestão pura de gabinete foi suficiente para administrar uma instituição tão nobre como o IVDP. Jorge Monteiro leu muito sobre vinhos, sobre o negócio vitivinícola, sobre as regiões demarcadas, sobre o quadro sócio-económico nacional e internacional do mercado do vinho. Para além disso, não deixa de escutar os Rolling Stones, os The Doors, os Jethro Tull e Tchaikowski. «Ele manifesta uma clara sensibilidade cultural, que ajuda muito a um diálogo aberto», diz José Manuel Dias da Fonseca, actual presidente da Casa da Música e um gestor que contactou com Jorge Monteiro no ProDouro e nos tempos do capital de risco.

Há quem diga que é um também excelente cozinheiro. Luís Braga da Cruz, antigo ministro da Economia, trabalhou com Jorge Monteiro na CCDR-N. Elogia-lhe a «grande capacidade de organização, a acuracidade e um enorme sentido de responsabilidade. Há quem o acuse de intolerante, mas ele não suporta o desmazelo».

Aliás, o presidente do IVDP tem uma tarefa sempre complicada. Gerir as pressões dos operadores económicos, entender as mutações sócio-económicas na região do Douro e garantir níveis de qualidade satisfatórios dos vinhos do Douro e Porto, nem sempre é fácil num mercado que movimenta todos os anos várias centenas de milhões de euros. O homem que gosta de equilibrar os tempos da família e do trabalho já leva sete anos na presidência do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto.

Tal como o vinho do Porto precisa do tempo para adquirir propriedades únicas, também Jorge Monteiro encarna, com o passar dos anos, o estilo e personalidade ideais para um cargo tão especial como este. O vinho português merece-o. **16**